

A POÉTICA PERIFÉRICA NA POESIA “PALCO”

Alesson Vinícius F. Souza¹
Michele Santos Senna²

RESUMO: *O presente artigo se concentra no estudo crítica da literatura chamada periférico, em um discurso marginal. Uma literatura construída pelos excluídos sociais que se apropriam das letras para reivindicar uma posição na sociedade e, ao mesmo tempo, denunciá-la. O poema “Palco” de Sérgio Vaz traz consigo a realidade dessa minoria.*

Palavras-chave: Sérgio Vaz; Literatura periférica; Poesia

INTRODUÇÃO

Após quase cem anos da publicação do Manifesto Antropofágico e da Semana de Arte Moderna, notamos hoje o amadurecimento de um movimento cultural, sobretudo literário que vem da periferia, do local ao qual sempre foi manchete de violência e sinônimo de inferioridade. Amadurecido, porque sua primeira "voz" já escrevia antes mesmo de Oswald de Andrade escrever seu manifesto. Essa voz se chama Lima Barreto. Diversas publicações, teorias literárias foram feitas, porém a crítica literária sempre vedou seus olhos para aqueles que sempre foram personagens secundários na literatura ou que nem mesmo aí apareciam.

O fim do século XX e esse breve início de século parecem apontar para uma época de uma literatura e crítica literária dos "esquecidos", "mudos". A periferia se inclui nesse contexto por sempre ter sido vista como local do que há de pior, menos civilizado e atrasado da sociedade. A pena passa de mão, ou melhor, é tomada de assalto por esses novos ou amadurecidos escritores chamados periféricos ou marginais, denominação que vem, logicamente, das suas condições sociológicas e não tanto ideológicas.

Se os modernistas tiveram Oswald como seu representante, líder e "teórico", essa geração tem como seu agitador cultural, Sérgio Vaz. Com 42 anos, tem quatro livros publicados e ficou conhecido pelos saraus que organiza na Zona Sul da cidade: A Cooperifa.

Há cerca de dois anos, promove festas literárias que ocorrem no bar Zé Batidão toda quarta-feira. Artistas diversos se reúnem para trocar experiências, compartilhar a produção e festejar a vida. "É um quilombo cultural. Aos poucos fomos chamando a atenção da mídia, recebendo visitas, nos fortalecendo. Hoje, os jornais e a TV vêm até nós", comemora Sérgio Vaz (2007).

Por seu caráter revolucionário, o projeto repercutiu nacionalmente e apareceu tanto nas telinhas quanto na mídia impressa (*Folha de São Paulo* e outros jornais).

¹ Graduação em Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Católica do Salvador - UCSal. E-mail: yini4050@terra.com.br. Autor

² Graduação em Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Católica do Salvador – UCSal. Co-autor

Vaz (2007), em seu Manifesto da Antropofagia Periférica, proclama: “A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado.”

Em seu manifesto, Vaz relata todas as expectativas, atitudes, e objetivos que se espera e que se é feita de uma literatura dita periférica. É a partir dessa união e dessa voz a vir que a literatura periférica se solidifica.

O estudo do poema “Palco” de Sérgio Vaz se propõe a analisar não apenas o poema, mas as vozes que se construíram por trás dele e, para tanto, vale uma explanação sobre o que essa literatura representa e atua hoje.

A PERIFERIA FALA

Saída da revolta, da rebelião contra a situação de marginalidade à qual foi geralmente condenada, a literatura periférica aparece como uma forma privilegiada de auto-conhecimento e da reconstrução de uma imagem positiva dos favelados, das pessoas que vivem à margem da sociedade brasileira. O conceito dessa literatura emerge da própria característica dos signos que estão em um perpétuo movimento de rotação: os signos que nos exilam podem ser aqueles que nos constituem em nossa humana condição.

O fato de justapor um adjetivo à palavra literatura é sempre problemático na medida em que as etiquetas correspondem à necessidade de delimitar o conceito e circunscrever sua amplitude. Se as classificações fundadas na idéia de nação correm o risco de ser problemáticas, elas se tornam ainda mais nos casos onde a pertença a uma comunidade lingüística, sociológica ou étnica é mais significativa que a pertença a um país. Quando a classificação tem a ambição de dar conta do sexo (literatura feminina ou feminista) ou da raça (literatura judaica ou negra) dos escritores, as etiquetas correm o risco de tornarem-se heterofóbicas. A literatura periférica teria uma íntima relação com a literatura negra, visto que ambas sofrem e lutam contra algo em comum: a discriminação.

A produção cultural da periferia e o debate sobre ela têm consolidado uma tendência na teoria crítica: o discurso da diferença estabelece uma espécie de política das minorias. As diferenças culturais precipitam um imperativo para o teórico da cultura, que é preparar uma moldura conceitual, que redefina o papel do menor, das minorias, dos subalternos, dos “deserdados da terra” (lembrando Fanon), do que era chamado de Terceiro Mundo na reordenação “global” da cultura. A literatura periférica surge da minoria, o motivo pelo qual, talvez, possamos alcunhá-la de menor, não em sua qualidade estética, mas devido ao local de discurso que ela advém que nos faz pensar as condições de possibilidade, continuidade e utilidade da sua construção.

A importância da emergência do eu-enunciador que se quer periférico, de um outro local de dicção, não está apenas no fato de assinalar uma ruptura com o discurso social que os negava, mas também por marcar, de maneira definitiva, a tentativa de compreender o que significa sê-lo no Brasil. Não sendo mais leitores de um cânone literário, sentindo-se tratados como brasileiros de segunda classe cuja leitura seria acrítica, esses escritores criam uma válvula de escape além do rap: a literatura, objeto de domínio clássico da elite.

Em “*Kafka: pour une littérature mineure* (1975, p.32-33) Delleuze e Guattari dizem:

Une littérature mineure n’est pas le fait de sujets d’énonciation isolés ayant la prétention de dominer leur discours, car c’est précisément à ce type de maîtrise que s’oppose le travail de déterritorialisation. Au contraire, une littérature mineure s’attache à inventer les conditions d’une énonciation collective qui manquent partout ailleurs: reflet, non d’une unité préexistante, mais d’une multiplicité en devenir, elle est “l’affaire du peuple.”³

Esse negócio do povo se chama literatura. O que se propõe por meio de uma poética menor ou uma poética vinda da periferia, no caso da literatura brasileira, é a recuperação de um sujeito histórico-social que possui uma historicidade que nunca lhe foi permitido contar por meio de suas próprias letras. A poética periférica, então se utiliza de uma ferramenta que a ela nunca pertenceu para criar as condições de enunciação de onde o escritor fala, do seu local de dicção.

ANÁLISE DO POEMA

Palco

Seguem os meninos
Deslizando na avenida.
Vendem dropes na caixinha de papel,
Tentando um papel
No palco desta vida.
Em cada esquina,
Uma platéia diferente
Bate palmas e não sente
Que este ato não termina.
No asfalto,
Cenas fortes
No frágil nu do corpo.
Vestem lágrimas
Maquiadas de sorrisos
Que desbotam na luz fria da noite:
Bastidores da verdade.
Seguem os meninos
No palco da vida,
Representando o verdadeiro
Papel.

(Vaz, *Colecionador de Pedras*, 2007)

Em seus versos livres e brancos, Vaz proclama na poesia “Palco” aí a vida de garotos de rua que todos os dias convivem com uma platéia, os motoristas, seu ganha-pão.

³ Tradução livre: Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas a de uma minoria que se faz numa língua maior. [...] não é feita de sujeitos de enunciação isolados tendo a pretensão de dominar seus discursos, pois é exatamente a esse tipo de domínio que se opõem o trabalho de deterritorialização. Ao contrário, uma literatura menor se vincula a criar as condições de uma enunciação coletiva que faltam em todos os lugares, reflexo, não de uma unidade pré-existente, mas de uma multiplicidade a vir, ela é “o negócio do povo”

A platéia é indiferente a uma verdade cruel. Os “atores” dessa peça, que é representada no asfalto de suas vidas, se maquiagem para tentar perceber os aplausos, ou seja, uma atenção afetiva, financeira e um simples olhar. O olhar é aquilo que dá sentido à vida, logo os meninos que “deslizam na avenida”, que não possuem tal olhar direcionado para eles, sentem-se sem sentidos, frágeis.

O poeta em seus vinte versos ergue uma bandeira a favor do inconformismo. Em uma linguagem clara, objetiva, ele declama a vida daqueles que vivem nas ruas, fazendo arte como forma de negócio. A linguagem de Vaz se torna, talvez, ainda mais clara por causa disso, ou seja, tem em sua poesia tudo aquilo experimentado por esses meninos vendedores de balas nas sinaleiras, por um palhaço triste.

É uma poesia de cunho social. Na poesia em questão podemos observar várias temáticas a serem analisadas. O título da poesia já é um elemento rico na poesia “Palco”. Geralmente quem ocupa o palco de um teatro, de uma escola, de um auditório, são pessoas portadoras da voz, artistas, cantores, palestrantes, políticos.

O palco que Vaz se refere é um palco diferente, é o palco das ruas, ou melhor, as ruas são os palcos dos meninos, das crianças que tentam um papel nesse espetáculo da vida. Percebe-se uma cronologia de idéias: o poeta inicia a poesia apresentando os “artistas”: “Seguem os meninos/ Deslizando na avenida”.

Dentro dessa poesia é forte a marca da linguagem figurada (talvez um pouco irônica) quando o autor oferece adjetivos fortes a determinadas palavras: “Em cada esquina uma platéia diferente/No asfalto, cenas fortes/No frágil nu do corpo/. lágrimas maquiadas de sorrisos/Bastidores da verdade/o verdadeiro papel”. A realidade cruel já conhecida pelo leitor é transformada em um jogo de sentidos e palavras que transformam essa tal realidade num simples narrar de um ato do teatro.

Unindo tais elementos temos um cenário composto por uma sombria realidade social formada pelos meninos que por meio do “esforço humano” tentam alcançar uma satisfação, um momento que não seja um momento de ficção, mas um momento de real de felicidade, de sincero sorriso.

O que o poeta chama de “meninos que se vestem de sorrisos para mostrar alegria ao espectador” pode ser comparado à imagem de um palhaço triste, em que o que está em jogo é seu trabalho. Ele pode até ser triste, mas se deve fazer feliz, mesmo que por um momento, para, levar alegria ao espectador.

Mas não seria uma contradição? Seria possível um palhaço triste, ou uma criança triste levar alegria àqueles que lhe observa? Percebe-se que poucos daqueles que lhes observam também estejam na mesma situação, buscando uma fonte, mesmo que não verdadeira, para sorrir.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: pour une littérature mineure**. Paris: Les editions de Minuit, 1975.

VAZ, S. **O Colecionador de Pedras**. São Paulo: Global Editora, 2007.

VAZ, S. Manifesto da Antropofagia Periférica, 2007. Disponível em: <<http://coleccionadordepedras.blogspot.com/2007/10/manifesto-da-antropofagia-perifrica.html>>. Acesso em: 24 nov. 2007.